**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**DISCIPLINA:** LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA IV

**TURMA:** ELETRO4AM - CONTRATURNO

**PROFESSOR:** Francisco H. Arruda de Oliveira

 **ALUNO (A) \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**01.** Comente sobre a identidade nacional presente nas estéticas Romântica e Modernista focando nas diferenças, abordagens e implicações para a noção de nacional.

**02.** Assinale a frase em que **à** ou **às** está mal empregado:

a) Amores à vista.

b) Referi-me às sem-razões do amor.

c) Desobedeci às limitações sentimentais.

d) Estava meu coração à mercê das paixões.

e) Submeteram o amor à provações difíceis. 

**03. (FUVEST/2014)**

Revelação do subúrbio
Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra
[a vidraça do carro∗,
vendo o subúrbio passar.
O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,
com medo de não repararmos suficientemente
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.
A noite come o subúrbio e logo o devolve,
ele reage, luta, se esforça,
até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais
e à noite só existe a tristeza do Brasil.

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo, 1940.

(\*) carro: vagão ferroviário para passageiros.

Para a caracterização do subúrbio, o poeta lança mão, principalmente, da(o)

a) personificação

b) paradoxo

c) eufemismo

d) sinestesia

e) silepse

**04. (ITA)** Assinale a alternativa cujos sinais, indicados entre parênteses, não permitem uma pontuação correta:

a) Uns trabalham esforçam-se cansam-se outros folgam dormem descuidam-se e não pensam no futuro. (4 vírgulas e 1 ponto-e-vírgula)

b) A sua volta tudo lhe parece chorar as árvores o capim os insetos. (3 vírgulas e dois pontos)

c) Campinas Santos Guarulhos são cidades do Estado de São Paulo Caxias Canoas Uruguaiana do Rio Grande do Sul. (5 vírgulas e 1 ponto-e-vírgula)

d) Prometeu-nos quando dele precisássemos que embora suas atividades fossem múltiplas jamais deixaria de atender-nos. (3 vírgulas)

e) A metade de 247 mais 36 são 159,5. (2 vírgulas)

**05. (ENEM/2009)**

**Metáfora**

Gilberto Gil

Uma lata existe para conter algo,

Mas quando o poeta diz: “Lata”

Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo,

Mas quando o poeta diz: “Meta”

Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta

Que determine o conteúdo em sua lata

Na lata do poeta tudonada cabe,

Pois ao poeta cabe fazer

Com que na lata venha caber

O incabível

Deixe a meta do poeta não discuta,

Deixe a sua meta fora da disputa

Meta dentro e fora, lata absoluta

Deixe-a simplesmente metáfora.

A metáfora é a figura de linguagem identificada pela comparação subjetiva, pela semelhança ou analogia entre elementos. O texto de Gilberto Gil brinca com a linguagem remetendo-nos a essa conhecida figura. O trecho em que se identifica a metáfora é:

a) “Uma lata existe para conter algo”.

b) “Mas quando o poeta diz: ‘Lata’”.

c) “Uma meta existe para ser um alvo”.

d) “Por isso não se meta a exigir do poeta”.

e) “Que determine o conteúdo em sua lata”.

**06.** A poesia do Modernismo, em determinado momento, é carregada de uma contestação social e posição política perante a realidade pós-guerra. Um poeta que realiza esse tipo de engajamento é Carlos Drummond de Andrade, analise o poema abaixo considerando a estética modernista e o estilo de Drummond.

**A FLOR E A NÁUSEA**

Preso à minha classe e a algumas roupas,

Vou de branco pela rua cinzenta.

Melancolias, mercadorias espreitam-me.

Devo seguir até o enjôo?

Posso, sem armas, revoltar-me'?

Olhos sujos no relógio da torre:

Não, o tempo não chegou de completa justiça.

O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre

fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.

Sob a pele das palavras há cifras e códigos.

O sol consola os doentes e não os renova.

As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitar esse tédio sobre a cidade.

Quarenta anos e nenhum problema

resolvido, sequer colocado.

Nenhuma carta escrita nem recebida.

Todos os homens voltam para casa.

Estão menos livres mas levam jornais

e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?

Tomei parte em muitos, outros escondi.

Alguns achei belos, foram publicados.

Crimes suaves, que ajudam a viver.

Ração diária de erro, distribuída em casa.

Os ferozes padeiros do mal.

Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.

Ao menino de 1918 chamavam anarquista.

Porém meu ódio é o melhor de mim.

Com ele me salvo

e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada

ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralisem os negócios,

garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.

Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.

É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde

e lentamente passo a mão nessa forma insegura.

Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.

Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

*A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade.